



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

15 de Agosto 2014



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Nota 10	Editoria: Educação	Data: 15/08/2014
Assunto: Investimentos		Página: Online



Fundo destina R\$ 2,25 mi para organizações da educação

O Fundo Itaú Excelência Social (Fies) investirá R\$ 2,25 milhões em até 11 organizações não governamentais que atuam na área de educação. Desde a sua criação, em 2004, o Fundo já destinou R\$ 25,2 milhões a programas de 146 ONGs, beneficiando cerca de 29 mil crianças, adolescentes, jovens e 2,6 mil educadores em todo o país. Para participar da seleção, as organizações devem inscrever-se até hoje (15) pelo site <http://www.italu.com.br/fies> .

Neste ano, cada organização receberá até R\$ 120 mil em apoio financeiro, além de suporte técnico para investimento na gestão das ONGs, avaliação e monitoramento dos projetos.

Para participar do processo seletivo, as organizações devem possuir orçamento anual entre R\$ 120 mil e R\$ 240 mil, oferecer atendimento gratuito e realizar programas sociais em uma das três categorias: Educação Infantil, voltados para crianças com até 5 anos; Educação Ambiental, para crianças e adolescentes de 6 a 17 anos; e Educação para o Trabalho, com foco em adolescentes e jovens de 14 até 24 anos.

As organizações e programas que atendem às exigências do edital são avaliados por um Comitê de Análise, composto por especialistas nas áreas que englobam os temas de cada categoria. Entre os aspectos que serão observados pelos especialistas estão a capacidade de gestão da ONG, a sustentabilidade financeira do projeto, a relevância do programa perante o contexto local e o seu potencial de transformação.

Na última etapa, os programas das organizações selecionados são avaliados pelo Conselho Consultivo do Fies, que escolherá até 11 organizações para receber o incentivo. O Conselho Consultivo é formado por representantes da Fundação Itaú Social, do Itaú Unibanco S.A., do Itaucard, da Fundação Orsa, Fundação lochpe, Instituto Ethos, Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), Instituto Itaú Cultural, Fundação Dom Cabral, Instituto Ayrton Senna, Universidade de São Paulo e Fundação Educar DPaschoal, além de investidores do Fies.

Mais informações sobre o Fundo Itaú Excelência Social podem ser obtidas por meio do edital disponível no site www.italu.com.br/fies.

SERVIÇO:

Investimento Social do Fundo Itaú Excelência Social 2014

Período de inscrições: até 15 de agosto de 2014

Inscrições: somente pelo site www.italu.com.br/fies

Mais informações: pelo e-mail fies@italu-unibanco.com.br ou pelo 0800 770 0398

O edital e a ficha de inscrição estão disponíveis no site www.italu.com.br/fies .



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Nota 10	Editoria: Educação	Data: 15/08/2014
Assunto: Olimpíada de Língua Portuguesa		Página: Online



Prazo para textos da olimpíada é estendido até domingo, 17

O prazo para envio dos textos para a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, edição 2014, foi estendido até a meia-noite de domingo (17). As escolas participantes devem enviar on-line, até essa data, os textos escolhidos para a etapa seguinte, a municipal.

Em todo o país, 46.902 escolas públicas com turmas do quinto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio cumprem agenda comum, com foco na língua portuguesa. O tema em todos os gêneros literários é O Lugar onde Vivo.

A seleção das obras, pelas equipes de cada escola, constitui a primeira de quatro etapas da olimpíada. Dados do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), entidade que coordena o concurso, mostram que o evento envolve 170 mil professores de língua portuguesa de 46.902 escolas das 27 unidades da Federação. Dos 5.565 municípios brasileiros, 5.014 aderiram, o que representa 90,1% do total.

Os textos selecionados são digitados em campo próprio, no portal da olimpíada, e seguem para a segunda fase, no âmbito do município. A terceira etapa é a estadual e a quarta, a regional.

GÊNEROS - Na fase regional, é promovido o encontro entre os melhores autores e os professores, por gêneros literários. Cada gênero terá 125 alunos, 125 professores e a equipe que vai trabalhar com eles. As reuniões por categoria serão realizadas em São Paulo, Recife, Porto Alegre e Campo Grande, no período de 28 de outubro a 20 de novembro próximo. Nesses encontros são escolhidos os 20 textos finalistas, cinco por categoria. A reunião nacional será realizada de 24 a 28 de novembro. A premiação, em 1º de dezembro, em Brasília.

Os 20 estudantes e seus professores receberão medalhas, notebooks e impressora. As escolas dos ganhadores terão direito a dez microcomputadores, impressora, projetor multimídia, telão para projeção e livros.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Nota 10	Editoria: Educação	Data: 15/08/2014
Assunto: Inovação		Página: Online



Seminário discute a necessidade de inovações na educação

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação, realizou ontem (14) o seminário Inovações em Práticas, Gestão e Políticas Educacionais, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), com objetivo de debater mudanças positivas na agenda da educação, com base em experiências bem sucedidas, no Brasil e em outros países.

Presente à abertura do seminário, o ministro da Educação, Henrique Paim, destacou a importância do tema em discussão. Ele disse que o setor educacional sempre tem desafios a enfrentar, e "o Plano Nacional de Educação apresenta desafios e define o que precisamos fazer nos próximos anos. A inovação no ensino público vai garantir que tenhamos resultados em torno das ações. Por isso, o seminário é tão importante, e o MEC tem o papel de coordenar esse processo todo".

Depois, o presidente da Fundação Getúlio Vargas, Carlos Ivan Simonsen, falou sobre a abrangência do tema, que vai do ensino básico à graduação. O seminário tem um tema extremamente amplo, que atinge cada faixa do ensino, e em todos os níveis "podemos apurar inúmeros problemas e fatos que devem ser estudados", disse ele.

Simonsen deu ênfase ao trabalho a ser feito no ensino básico, pois, no seu entender, "há mais necessidade de coordenação no ensino básico. Há muito a ser feito, e tudo começa no ensino básico". Razão pela qual, segundo ele, os primeiros anos de ensino carecem de avaliação específica, além da temática do seminário em si, que durante todo o dia discutiu questões de qualidade, acesso a tecnologias com relação à educação, ensino virtual, formação e avaliação de professores, dentre outros.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Todos pela Educação	Editoria: Educação	Data: 15/08/2014
Assunto: Pais		Página: Online



OPINIÃO: OS PAIS E A ESCOLA

"Quase todo envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos não tem efeito - ou tem efeito negativo", afirma Contardo Calligaris

Fonte: Folha de S. Paulo (SP)

Alguém, na burocracia da Educação Nacional francesa, já atribuiu notas boas a meus desenhos, tanto de tema livre (mais "artísticos") como figurativos (uma banana, uma laranja, uma maçã ou, mais difícil, uma alcachofra).

De qualquer jeito, não tenho do que me gabar. As notas foram decididas pensando que o autor dos desenhos fosse meu filho, que na época tinha dez anos.

Não havia outro jeito. A mãe de meu filho, de quem eu tinha me separado, aceitara que ele morasse um ano no Brasil comigo, mas à condição que ele não interrompesse sua escolaridade francesa. Em Porto Alegre, onde eu morava, isso só era possível se ele fosse escolarizado por correspondência.

A cada sexta-feira, chegava da França um temível envelope da Educação Nacional, com todo o necessário para cumprir o programa escolar da semana. A dose de lições de casa era assustadora e inesgotável.

Durante um ano, fiz lição de casa com meu filho. No domingo acontecia a arrancada final, pois o envelope das lições feitas devia imperativamente sair pelo correio na segunda: a gente trabalhava até as primeiras horas da madrugada, quando eu me encarregava dos desenhos de artes, enquanto ele completava o resto.

1) A quantidade de lições era insensata; 2) Estudar por correspondência era insensato, porque a escola deveria servir para estudar, mas também para socializar as crianças; 3) Eu fazer parte das lições dele (não só de artes) era insensato.

Apesar disso, num tributo ao espírito da pedagogia contemporânea, pela qual é bom que os pais se envolvam quanto mais possível na escolaridade dos filhos, eu imaginava que nossa "colaboração" criaria uma grande motivação futura.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Hoje, enfim, dá para afirmar que eu estava errado. Foi publicado em 2013 "The Broken Compass: Parental Involvement with Children Education" (a bússola quebrada: envolvimento dos pais na educação das crianças - Harvard University Press), em que os autores, K. Robinson e A. L. Harris, sociólogos, verificaram a eficácia (ou não) do envolvimento dos pais nos estudos dos filhos.

Eles estabeleceram 63 critérios para medir o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos e procuraram os efeitos desse envolvimento ao longo de três décadas. Pois bem, eles chegaram à conclusão que quase todo envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos é sem efeito, quando não tem efeito negativo.

Se você ajuda as crianças a fazer a lição de casa, isso vai melhorar temporariamente as notas, mas, a médio e longo prazo, isso não melhorará a performance escolar dos seus rebentos. Apenas satisfaremos nossa vontade imediata de ver notas melhores nos cadernos de nossos filhos.

Se você sacrifica seu fim de semana para estar na escola, vendendo cupcakes na festa junina porque ouviu dizer que o envolvimento dos pais na vida da escola é um grande motivador para as crianças, saiba que, realmente, não é preciso.

Claro, sou parcial (não gosto de cupcakes e não gosto de festa junina), mas está provado que esse tipo de envolvimento dos pais não tem efeito constatável.

Diga-se o mesmo para as reuniões trimestrais com cada professor de nossas crianças, matéria por matéria: você pode ir, mas quando der, ok?

Robinson e Harris, em suma, sugerem que voltemos à antiga separação de casa e escola, as quais não precisam compartilhar problemas num excesso de fala sobre a criança.

Desde os anos 1970, acreditamos que uma aliança escola-família seja boa para a performance escolar dos nossos filhos. Descobre-se que, às vezes, é bom que a criança possa descansar dos pais quando está na escola --e descansar da escola quando está em casa.

O que se salva da ideologia da aliança casa-escola? Robinson e Harris acham que três coisas, principalmente, têm efeito positivo: 1) o valor que os pais atribuem à educação, 2) sua capacidade de conversar com os filhos sobre o futuro deles, 3) a leitura em voz alta com os pequenos.

O engraçado é que são coisas que os pais fazem em casa, com filhos e filhas --coisas, em suma, que não pedem nenhuma aliança especial entre a casa e a escola.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Todos pela Educação	Editoria: Educação	Data: 15/08/2014
Assunto: Padrão OCDE		Página: Online



PAÍS MIRA PADRÃO OCDE DE ENSINO EM 2021

Para Ricardo Paes de Barros, falta padronizar a qualidade da educação nas escolas brasileiras

Fonte: Valor Econômico (SP)

A principal meta do Brasil na área do Ensino é chegar em 2021 com um padrão educacional parecido com o da média dos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), afirmou Ricardo Paes de Barros, subsecretário de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

Segundo ele, o Brasil deu três passos importantes nesse sentido, estabelecendo metas para a Educação, montando um sistema de monitoramento que permite acompanhar essas metas e investindo mais recursos. Mas falta ainda melhorar a governança desse sistema.

"O grande problema é que o Brasil está correndo o risco de não cumprir essas metas. Se não cumprir, o que será feito?", questionou Barros, durante o Fórum Exame 2014, realizado ontem em São Paulo.

O subsecretário também afirmou que falta padronizar a qualidade do Ensino nas Escolas brasileiras, onde ainda há muita desigualdade. "Por que nós padronizamos todas as agências da Caixa [Econômica Federal] em todo o Brasil e não padronizamos as Escolas?", disse. Esse nivelamento, explica ele, deve vir por meio da equalização do gasto por Aluno, o que exige um aumento dos gastos públicos como um todo.

Maria Alice Setúbal, socióloga e presidente da Fundação Tide Setúbal, que também participou do evento, chamou atenção para a necessidade de se combater a desigualdade educacional. "Se não superarmos isso, não conseguiremos ter Educação de qualidade", afirmou. "Não é possível continuar com essa enorme defasagem."

Maria Helena Guimarães Castro, diretora da Fundação Seade, concorda e destaca que é preciso melhorar a coordenação das políticas entre os três níveis do governo: federal, estadual e municipal.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Todos pela Educação	Editoria: Educação	Data: 15/08/2014
Assunto: Analfabetismo		Página: Online



ANALFABETISMO: DESAFIO HISTÓRICO

Problema afeta 668 mil paraibanos. Número corresponde à população com mais de 5 anos de idade no Estado

Fonte: Jornal da Paraíba (PB)

Dando continuidade à série 'Educação em Pauta', o Jornal da Paraíba aborda hoje um problema que afeta 668 mil paraibanos: o analfabetismo. O número corresponde à população com mais de 5 anos de idade no Estado e representa um desafio histórico, que precisa ser encarado com seriedade e urgência pelos gestores públicos e pela sociedade como um todo. O analfabetismo na Paraíba é maior na zona rural, mas também está presente nas principais cidades do Estado, como João Pessoa e Campina Grande. O maior índice de analfabetismo está entre os paraibanos com 60 anos ou mais. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), referentes ao ano de 2012.

Encontrar exemplos desse problema na capital não é tarefa difícil. Em uma comunidade do bairro do Róger, a reportagem conversou com a aposentada Antônia Pedro dos Santos, 69 anos, que nunca frequentou uma sala de aula. O máximo que aprendeu em toda a vida foi assinar o nome, o que faz com muita dificuldade e sob supervisão de uma pessoa alfabetizada.

Antônia não sabe diferenciar letras, nem fazer cálculos simples, como as quatro operações básicas da matemática.

A aposentada disse que na época em que era criança, a família enfrentava dificuldades econômicas e escola nunca foi prioridade em casa. “Meu pai dizia que se eu quisesse aprender, bastava colocar um livro na cabeça”, contou. Aos dez anos de idade ela se viu obrigada a trabalhar na roça e só aprendeu a assinar o nome perto dos 30. Na identidade, a ausência da assinatura denuncia o problema do analfabetismo.

Antônia é mãe de cinco filhos, que também não estudaram, segundo ela.

A história de Maria Francisca de Oliveira é parecida. Ela começou a trabalhar cedo por ordens do pai e também não frequentou a escola, quando morava, ainda criança, no



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

município de Alagoa Grande. O tempo passou, Maria cresceu, casou e veio morar em João Pessoa, mas nunca se alfabetizou.

Nem o nome sabe assinar. A maior alegria de sua vida, conforme ela contou, foi no ano passado, quando uma das netas fez vestibular. Não passou, mas o simples fato da neta tentar uma vaga no ensino superior, já foi motivo de sobra para Maria comemorar.

Com Maria da Penha Francisca da Silva, a história se repete.

Ela contou que estudou até o 5º ano (antiga 4ª série), mas não aprendeu nada, nem mesmo escrever o nome. “Eu ia para a escola para namorar, não gostava de estudar. Hoje eu me arrependo de não ter estudado, mas não posso fazer mais nada, já estou nessa idade”, comentou Penha, que também tem a inscrição 'analfabeta' na carteira de identidade. Ela disse que já teve vergonha de não saber ler nem escrever, mas que hoje não tem mais.

A dona de casa Edvânia Vieira, 35 anos, estudou até o 2º ano, e decidiu largar os estudos por conta própria. “Preferia ficar brincando com as amigas”, declarou. Mãe de seis filhos, dos quais três abandonaram a escola antes dos 12 anos, Edvânia disse que só sabe mesmo escrever o nome, mas prefere evitar porque acha a letra feia. “Não sei assinar direito, minha letra é torta, feia”, afirmou.

Dificuldade de ler e compreender

Além do analfabetismo propriamente dito, no qual se incluem Antônia, Francisca e Penha, a Paraíba também tem o desafio de vencer o analfabetismo funcional (veja quais os tipos do analfabetismo funcional no quadro mais adiante). Um exemplo disso é quando uma pessoa consegue realizar tarefas simples, mas tem sérias dificuldades de leitura e compreensão. É o caso de Daniela (nome fictício), 13 anos, que está matriculada no 5º ano do ensino fundamental e nunca leu um livro sequer, conforme ela relatou.

Daniela assina o nome, lê bilhetes curtos e até os escreve, se necessário, mas não consegue compreender textos nem interpretar. Na escola, tem notas baixas; em casa, não revisa os assuntos vistos em sala de aula. “Não ligo para isso, minha avó é analfabeta, meus pais também, eu estou na vantagem”, disse a adolescente, sem ter noção da gravidade que é o analfabetismo funcional.

Outro exemplo dessa realidade é do adolescente Jefferson Gomes da Silva, 16 anos, que admitiu não saber ler direito. “Só leio placas de carro, livro eu não sei”, afirmou. Jefferson entrou tarde na escola – aos 9 anos – e foi reprovado três vezes, segundo ele, motivo pelo qual ainda está no 2º ano. Após passar dois anos longe da escola, resolveu se matricular em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas só frequenta as aulas, no máximo, duas vezes por semana. “Só vou quando não tenho nada para fazer”, frisou.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

A gerente-executiva da Educação de Jovens e Adultos, Maria Oliveira, da Secretaria Estadual, disse que por uma década a Paraíba teve índices de analfabetismo entre 20% e 21% e que de 2011 para cá, conseguiu reduzir o problema em 16,83%.

“Consideramos uma baixa significativa no analfabetismo. Temos muitas parcerias que ajudam na permanência dos alunos na sala de aula”, declarou.

Tipos de analfabetismo funcional

Analfabeto

Conseguem realizar tarefas simples, como a leitura de palavras e frases, e números familiares (como números de telefones, preços, etc).

Básico

Aqui estão os funcionalmente alfabetizados, pois já leem e compreendem textos de média extensão, leem números na casa dos milhões e têm noção de proporcionalidade. Mostram limitações quanto a operações que envolvem maior número de elementos, etapas ou relações.

Rudimentar

Leem textos curtos, como anúncios ou cartas, leem e escrevem números usuais e realizam operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias.

Pleno

Corresponde ao grupo de pessoas que não têm restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, distinguem fato de opinião.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Todos pela Educação	Editoria: Educação	Data: 15/08/2014
Assunto: Exemplo		Página: Online



ESTUDANTES DO NÍVEL BÁSICO JÁ SE INSPIRAM NA TRAJETÓRIA DO MATEMÁTICO

Para alunos, conquista pode ser alcançada por mais brasileiros

Fonte: O Globo (RJ)

No rastro de Artur Avila, estudantes que já investiam na matemática viram suas ambições ganharem ainda mais força com o prêmio. Aluno do ter ceiro ano do Ensino médio do Colégio São Bento , onde o brasileiro já estudou, João Pedro Homem, de 16 anos, é um deles.

— Foi uma conquista para o Brasil. Mostra que não estamos alheios à Matemática mundial e que não somos dependentes do Ensino aplicado fora do país. A matemática brasileira tem potencial e, cada vez mais, se insere no contexto internacional — diz.

Homem já foi medalha de prata na Olimpíada Estadual de Matemática do Rio de Janeiro e conquistou ouros e pratas no Canguru Matemático , um concurso internacional. Agora, se prepara para cursar ciência da computação ou matemática em respeitadas instituições americanas. Ele pretende focar em pesquisas acadêmicas e não descarta a possibilidade de ser um novo brasileiro a alcançar prestígio como Avila.

— Acredito que posso ganhar uma medalha Fields como ele. Quando vemos o primeiro latinoamericano a chegar lá, percebemos o quanto isso é possível — vislumbra.

Outro medalhista em competições de matemática, o estudante Lucas Guerreiro, de 16 anos, está no segundo ano do Ensino médio no São Bento e também achou a conquista inspiradora.

— Ele é um herói, mas não da ficção, com poderes inatingíveis. É uma pessoa que se esforçou para conquistar seu legado. Já é um ídolo para nós — avalia o garoto que está empenhando em conhecer melhor as pesquisas de Avila.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Para seguir esse caminho, muita gente investe desde cedo nos estudos. Aluna do sexto ano do Ensino fundamental do Colégio Militar, Rebeca Pena, de 12 anos, faz parte da turma preparatória do Sistema Elite de Ensino para olimpíadas. Seu foco é no futuro:

— Com as olimpíadas, ganharei mais disciplina e rapidez no raciocínio. Além disso, as medalhas serão importantes para o nosso currículo — diz.

Professor de Rebeca na turma preparatória, Cleuber Nascimento conta que Alunos que participam de olimpíadas ganham mais concentração e passam a valorizar mais os estudos. Agora, com a premiação de Avila, ele acha que tudo isso será potencializado.

—Espero que o brasileiro deixe de entender a matemática como um carma ruim . Desejo que isso incentive mais pesquisas e desenvolvimento — afirma. — Já tive a oportunidade de conhecê-lo e sei o quanto há pessoas tão inteligentes como ele que também podem chegar lá.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Folha de São Paulo	Editoria: Educação	Data: 15/08/2014
Assunto: Tecnologia e ensino	Página: Online	

EM JORNAL E PORTAL DO BRASIL: 0 0 0 WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

Abecedário: Ninguém sabe se computadores e tablets melhoram ensino

Na semana passada mediei um debate interessante no evento Desafios da Educação, que ficou bastante centrado em uma questão: novas tecnologias usadas em sala de aula, como tablets e computadores, melhoram a qualidade do ensino?

De acordo com os especialistas que estavam presentes, brasileiros e estrangeiros, ainda não temos uma resposta.

Ao que parece, algumas tecnologias podem melhorar indicadores de ensino desde que associadas ao bom e velho ensino presencial.

Ou seja: de nada adianta ter tablets em sala de aula se o professor não souber como aproveitar esse recurso com a turma.

"É importante saber disso para que as instituições de ensino não saiam comprando equipamentos de forma desenfreada sem saber o resultado do seu uso", disse a diretora acadêmica do Insper, Carolina Costa, que é doutora em educação.

INCERTEZA

Ela mostrou uma revisão do que os cientistas estão escrevendo sobre o uso dessas tecnologias na educação. Os estudos revelam mais pontos de interrogação do que certezas.

Parte desses trabalhos, por exemplo, mostra que tecnologias tendem a melhorar o aprendizado de alunos que já apresentam boas notas e daqueles com perfil mais auto-didata (que conseguem aprender sozinhos).

Isso significa que um aluno que vai bem sem computador irá melhor ainda com o equipamento, mas quem vai mal continuará com o boletim no vermelho diante de novas tecnologias.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

O mesmo acontece com os cursos oferecidos pela internet, como complemento de aulas presenciais ou exclusivamente a distância.

Também nesses cursos, diz Costa, os alunos com melhores notas presencialmente tendem a se sair melhor a distância. Isso porque eles tendem a ser mais interessados nos estudos, menos dispersos e, claro, mais estudiosos.

MARKETING

Esse debate é importante porque muitas instituições de ensino fazem do uso de tablets e de computadores em sala de aula como uma forma de marketing. Certamente você já viu alguma publicidade desse tipo. Essas escolas vendem a ideia de que são melhores porque têm um dispositivo desses por aluno, por exemplo.

Será que são mesmo?

Muitas universidades de ponta dos EUA, por exemplo, estão fazendo o caminho contrário. Na Universidade de Michigan, que está entre as melhores do mundo, parte dos docentes começou recentemente a proibir celulares, tablets e laptops em sala de aula porque esses equipamentos acabam mais distraindo os estudantes do que ajudando no aprendizado.

Minha experiência como docente concorda com essa ideia. Nas aulas que ministro, esses equipamentos também são vetados –a menos que estejam em uso durante uma atividade, por exemplo. Se liberados durante uma explanação ou um debate, é batata: os alunos vão para o Facebook.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: G1	Editoria: Educação	Data: 15/08/2014
Assunto: Ambiente de ensino		Página: Online



VESTIBULAR E EDUCAÇÃO

Aluno aprende menos em ambiente inseguro, diz professor dos EUA

*Marco Antonio Nava está no Brasil para conhecer práticas escolares locais.
Ele e mais 7 dirigentes escolares dos EUA fazem 'intercâmbio' no país..*

Um grupo de oito diretores de escolas e dirigentes de ensino dos Estados Unidos encerra nesta sexta-feira (15) um intercâmbio de duas semanas com professores, diretores e estudantes de escolas de 12 estados brasileiros. Promovido desde 2004 como parte do Prêmio Gestão Escolar pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), em parceria com a Embaixada dos EUA no Brasil, o intercâmbio neste ano será encerrado com o I Seminário Internacional de Boas Práticas em Gestão Escolar, que começou em Brasília na quinta-feira (14) e termina nesta sexta.

Um dos membros do grupo, o professor americano Marco Antonio Nava, supervisor de ensino do Distrito Escolar de Pasadena, na Califórnia, afirmou ao G1, durante sua passagem por São Paulo, que mudanças nas políticas educacionais tendo como foco o estudante incluem desde o currículo escolar até a disposição dos alunos na sala de aula. Ao trocar as fileiras de carteiras por mesas onde os estudantes possam trabalhar em grupo são formas de transformar a educação.

Outras mudanças dessa política são criar um ambiente seguro no qual os estudantes sentem que têm mais voz e incentivo para exercer a criatividade. "Estudos sobre o funcionamento do cérebro já mostraram que se os alunos se sentem em um ambiente inseguro, eles bloqueiam a informação e aprendem menos", explicou Nava. Por isso, as políticas educacionais que ele praticou na sala de aula, quando ocupava o cargo de professor, e depois nas funções de diretor escolar e supervisor de ensino seguem sempre a indicação de incluir os alunos nos processos de decisão.

"Preparamos os alunos para empregos do século 21", disse ele na terça (12), após participar de um seminário de dois dias com outros quatro gestores escolares americanos e mais de 200 diretores de escolas paulistas e dirigentes regionais de ensino. Eles explicaram que baseiam seus projetos pedagógicos na política dos 4Cs: colaboração, pensamento crítico, criatividade e comunicação.

Nava foi o único membro do grupo a passar por São Paulo. Os oito diretores foram divididos para conhecer práticas educacionais em Alagoas, Amazonas, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rondônia, Roraima, São Paulo e Distrito Federal. O californiano passou a maior parte do seu tempo conhecendo professores, diretores e alunos de escolas do Estado de São Paulo.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

"Visitei escolas de São Paulo, Araras, Pirassununga, Indaiatuba, foi uma ótima experiência de imersão", disse o supervisor de ensino, que já foi professor e diretor da Escola Rowan Avenue, na região leste de Los Angeles.

Segundo o californiano, boa parte das escolas que ele visitou já praticam ou estão começando a aderir a alguns princípios que norteiam as escolas mais existosas dos Estados Unidos.

"Muitos desafios que escolas de São Paulo enfrentam as escolas de Los Angeles enfrentam. Não é fácil, esses espaços são constantemente contestados. Mas quando você inclui os membros da comunidades, como pais, alunos e sindicatos, é muito mais fácil receber retorno de todos, porque a voz de todos está sendo ouvida", afirmou Nava ao grupo de diretores escolares convidados pela Secretaria de Estado da Educação, em São Paulo, para participar do evento na Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Professores (Efap), na capital paulista.

Oficinas de troca de experiências

Em São Paulo, Nava participou do evento ao lado de outros quatro americanos --dois deles, Pierre Orbe, de Nova York, e Mary Pat Cumming, de Minnesota, participaram do programa de intercâmbio do Consed em 2013, e decidiram retornar para aprofundar o relacionamento com as escolas brasileiras.

Para isso, eles desenvolveram cinco oficinas temáticas para trabalhar diretamente com os colegas de São Paulo. Os temas abordados foram níveis de proficiência na alfabetização de crianças, a educação inclusiva para alunos especiais, treinamento e feedback dos professores, desenvolvimento de lideranças e uso dos meios de comunicação social na aprendizagem.

"Quando listamos nossos valores, eles são semelhantes", explicou Pierre. "Nós temos desafios diferentes, mas todos temos controle do efeito que temos nos nossos estudantes."

Mary Pat, que falou sobre a questão da educação inclusiva para alunos com necessidades especiais, disse que encontrou um grupo de diretores escolares com bastante pensamento positivo. "Tentamos desarmar as desculpas", disse ela, citando algumas, como a falta de verbas para implementar novas políticas. "Eles estavam muito abertos, e procuraram por oportunidades de colocar em prática o que falamos."

A professora Maria Aparecida Sarraipo é diretora de uma escola estadual em Taubaté e participou do seminário. Segundo ela, algumas boas práticas de gestão e didática mencionadas pelos americanos já são aplicadas em sua escola, como a questão da substituição das carteiras por mesas de trabalho colaborativo para os alunos entre 13 e 17 anos, tutorias para todos os alunos e clubes juvenis. "Tem muita coisa parecida, que podemos adaptar à nossa realidade. Podemos melhorar ainda mais a prática de lá", disse.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Blog Moacir Pereira	Editoria: Blog Moacir Pereira	Data: 15/08/2014
Assunto: Meia-entrada		Página: Online



Professores da educação básica pagarão meia-entrada em eventos culturais

No último dia 8 de agosto o governador Raimundo Colombo sancionou a lei que assegura o direito a professores do ensino básico no exercício da profissão pagarem meia-entrada em eventos culturais e de lazer. O projeto de lei, de autoria do deputado Sargento Amauri Soares (PSOL), foi aprovado pelos deputados em plenário no dia 9 de julho deste ano. O texto estabelece que "o efetivo exercício de função de magistério será comprovado, no ato de aquisição do ingresso, mediante apresentação da cédula de identidade e do contra-cheque relativo à última remuneração".